

Índice

Introdução	9
1. A Infância e a Juventude	13
2. <i>O Mistério da Estrada de Sintra</i>	31
3. As Conferências do Casino	41
4. <i>As Farpas</i> a duas mãos	59
5. O Primeiro Romance de Eça	77
6. Um <i>Best Seller</i>	107
7. Os Livros de Viagem de Ramalho	133
8. A Obra-Prima de Eça	147
9. Paris, Lisboa, Paris	163
10. O Espelho de Eça	181
11. Os Sermões de Ramalho	193
12. As Mortes de Eça e de Ramalho	217
13. Os Semi-Póstumos e os Póstumos de Eça	225
14. A Mala Perdida	241
Conclusão	259
Agradecimentos	269

Introdução

No dia 4 de Fevereiro de 1866, Ramalho Ortigão e Antero de Quental enfrentaram-se num duelo. Em 1865, tivera lugar uma polémica envolvendo o poeta ultra-romântico António Feliciano de Castilho e o estudante rebelde Antero de Quental¹. A nova geração recusava-se a prestar vassalagem ao velho poeta que se tinha arvo-rado em árbitro do bom gosto. O louvor de Castilho a uma peça medíocre, *D. Jaime*, escrita por Tomás Ribeiro, já tinha enfurecido os estudantes de Coimbra, mas a gota que lhes extravasou a indignação foi a troça que, numa carta-posfácio ao «Poema da Mocidade» de Pinheiro Chagas, Castilho fizera dos escritos de Antero e de Teófilo Braga.

Não eram apenas questões estéticas que estavam em causa, mas empregos. Sem o patrocínio do vate, os jovens poetas dificilmente conseguiriam arranjar quem lhes publicasse os versos. Além disso, Teófilo Braga e Pinheiro Chagas cobiçavam ambos leccionar a cadeira de Literatura Moderna do Curso Superior de Letras. Só Antero, um grande proprietário nos Açores, se podia dar ao luxo de não depender do Estado². Não admira que, em Novembro de 1865, tenha

1 Em França, em 1850, tivera lugar uma polémica semelhante, durante a qual Baudelaire atacou o que ironicamente chamou «L'École du Bons Sens» (os escritores que lisonjeavam a burguesia), ver C. Pichois e J. Ziegler, *Baudelaire*, Londres, Vintage, 1991, p. 103.

2 Ver J. Bruno Carreiro, *Antero de Quental, Subsídios para a sua Biografia*, Braga, Pax, 1981 e Ana Maria Almeida Martins, *Antero de Quental, Fotobiografia*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1986.

sido ele a responder a Castilho no folheto intitulado «Bom Senso e Bom Gosto». O país, que em geral não lia, gostou do escândalo: o opúsculo, nas suas três edições, esgotou-se num ano. Seguiram-se as declarações a favor de Castilho, assinadas, entre outros, por Camilo Castelo Branco, Pinheiro Chagas e Ramalho Ortigão. Foi então que, invocando ser desonroso injuriar um escritor cego, o último desafiou Antero para um duelo.

No país, formaram-se na altura dois grupos: o dos poetas de Coimbra, que diziam querer revolucionar a bafienta Literatura que em Portugal se consumia, e um outro, ligado a Castilho, que defendia as tradições literárias³. Eça não participou no debate, tendo contudo dito estar do lado de Antero, por o seu protesto ser contra «todos os tiranetes e pedagogos e reitores obsoletos e *gendarmes* espirituais com quem topava ao penetrar, homem livre, no mundo que queria livre». No texto em que fala deste acontecimento, adverte que o uso frequente do plural «nós» se refere à geração a que pertencia e não a si próprio. Acrescentava honestamente que, entre todas estas «heroicidades ou pseudo-heroicidades», havia continuado a desempenhar o papel de «pai nobre» numa peça que andava a ensaiar no Teatro Académico⁴.

Só tardiamente comecei a pensar na relação entre Eça e Ramalho. Acontece que conhecendo relativamente bem os escritos de Eça e o que sobre ele se escreveu, pouco sabia da vida e da obra de Ramalho. Não recordo a data exacta em que comecei a desconfiar das suas ideias e a considerar o seu estilo desagradável. Julgo ter sido no Verão de 2004, quando estava a rever em Oxford as últimas provas de *As Farpas* de 1871-72, um trabalho que me fora encomendado pela editora Principia⁵. Por Ramalho e Eça terem decidido não

3 A. Ferreira a M. José Marinho (org.), *Bom Senso e Bom Gosto (A Questão Coimbrã)*, Lisboa, Imprensa Nacional, 3 vols., 1985 e R. Ramos, «A formação da *intelligentsia* portuguesa, 1860-1880», *Análise Social*, 116-117, 1992.

4 O texto de Eça tem como título «Um génio que era um santo», ver *Anthero de Quental, In Memoriam*, Porto, Mathieu Lugan, 1896, pp. 491-92. Esta obra é a homenagem a Antero que, cinco anos antes, se tinha suicidado em Ponta Delgada. O texto está reproduzido em *Obras de Eça de Queiroz*, Porto, Lello, s/d, pp. 1540-1565.

5 O volume que então publiquei inclui apenas *As Farpas* compreendidas entre Maio de 1871 e Outubro de 1872, data em que Eça partiria para Cuba. Ver *As Farpas, Eça de Queiroz-Ramalho Ortigão* (org. Maria Filomena Mónica), Cascais, Principia, 2004.

assinar os textos, os opúsculos apareciam escritos na primeira pessoa do plural, o que começou a inquietar-me, pois as diferenças de tom entre parágrafos eram cada vez mais notórias. Como o prazo da entrega do meu trabalho estava próximo, decidi pôr nas mãos da editora aquilo a que me tinha comprometido. Para meu espanto, entre 2004 e 2013 foram vendidos 25 mil exemplares.

Passaram-se anos, mas a dúvida sobre o valor relativo dos textos de Eça e de Ramalho teimava em não desaparecer. A certa altura, decidi reler mais uma vez as *Farpas* desses anos, mas, não sendo filóloga, não conseguia separar o que cada um tinha escrito. Até que um dia, com o apoio do trabalho de Ernesto Guerra da Cal, obtive o que desejava⁶. Pouco depois, convencia o Francisco Vale, da Relógio D'Água, a editar uma obra em que aparecessem apenas os textos de Eça. Se estava, e estava, à espera de novo sucesso editorial, enganara-me: nem os leitores nem os críticos se interessaram por terem acesso, de forma isolada, à prosa de Eça⁷. A obra, publicada em 2018, apenas vendeu metade dos 2000 exemplares impressos.

Jurei não me voltar a interessar por escritores oitocentistas. Até que sobreveio a pandemia. A crise sanitária levou-me até à colecção de *As Farpas* de Ramalho que herdara do meu pai. Foi então que decidi escrever sobre a «estranha amizade» entre os dois escritores. Quase sem ter dado por isso, o planeado ensaio foi-se transformando num livro⁸. Seja como for, chegou a altura de abordar as respectivas biografias.

6 E. Guerra da Cal, *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz, Apêndice*, Universidade de Coimbra, 1975.

7 *As Farpas* (organização, introdução e notas de Maria Filomena Mónica), Lisboa, Relógio D'Água, Outubro de 2018.

8 Como seria inevitável, algumas das páginas relativas à vida e obra de Eça de Queiroz repetem o que eu já abordara na biografia que sobre ele escrevera. Ver Maria Filomena Mónica, *Eça de Queirós*, Lisboa, Quetzal, 2001.

1. A Infância e a Juventude

José Duarte Ramalho Ortigão nasceu no Porto em 24 de Outubro de 1836, filho do primeiro-tenente de Artilharia Joaquim da Costa Ramalho Ortigão, e de sua mulher, Antónia Alves Duarte Silva. Era o filho mais velho de nove irmãos. A sua infância foi passada na quinta da avó materna, situada nos arredores do Porto, tendo a sua educação ficado a cargo do tio-avô e padrinho, frei José do Sacramento. Em dada altura, inscreveu-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, mas não acabaria o curso, tendo regressado ao Porto, onde passou a leccionar a disciplina de Francês no Colégio da Lapa, fundado por seu pai.

Em 1859, com apenas 23 anos, casou-se com Emília Isaura Vilaça de Araújo Vieira, seis anos mais velha do que ele, de quem viria a ter três filhos: José Vasco, Berta e Maria Feliciano. A noiva não era bonita, nem rica, nem culta. Eis como o próprio explicaria a sua escolha: «Eu casara-me para o bom fim sensato. Para ter a vida tranquila na casa alegre. Para me disciplinar, para me sistematizar, para tomar assento, para ter onde estar.»¹ Não era diferente de outros homens: à época, os maridos dividiam os seus afectos e sobretudo os seus desejos sexuais entre a mulher legítima e uma ou várias amantes.

Num ensaio que intitulou *Autobiografia*, Ramalho fala-nos do seu passado: «Fui criado até aos sete anos de idade como um pequeno

¹ Ramalho Ortigão, *Contos e Páginas Dispersas*, Lisboa, Clássica Editora, 1945, citado em Maria João Lello Ortigão e Oliveira, *O Paraíso Invisível*, Lisboa, Grifo, 1999, pp. 23-24.

saloio, na casa de lavoura de minha avó materna.» Esta, que já en-viuvara, tinha a seu lado duas irmãs solteiras, além do seu irmão, frei José do Sacramento, e de um criado, Manuel Caetano, «que desde os 18 anos de idade acumulara o serviço militar com o da casa da minha família». Em 1810, batera-se no Buçaco contra os franceses e agora dormia por cima de um palheiro, «num pequeno quarto de dois metros quadrados a que se subia por uma escada de mão». Defronte da cama, viam-se pendurados a mochila, a espingarda e o boldrié [cinturão de coiro]: «Tinha na fardeta, quando eu era pequeno, cinco divisas correspondentes a 50 anos de serviço.» Eis como prossegue: «Quanto mais envelheço mais me capacito da profunda influência que tiveram no meu carácter e em todo o meu destino esses dois velhos que foram os mais íntimos companheiros da minha infância. Fiquei para todo o sempre — intimamente o reconheço — um tanto frade, um tanto soldado.»

O padrinho mantinha os hábitos e o horário do convento. Provavelmente, por ter sido capelão de D. Pedro IV, tinha uma boa biblioteca, o que foi útil ao jovem. Em casa, as conversas versavam os episódios das Invasões Francesas, a Revolução de 1820 e o cerco do Porto, durante o qual o seu pai combatera ao lado dos liberais². Tendo apanhado escalartina em pequeno, Ramalho fora obrigado a estar de cama durante vários meses. Foi então que descobriu as *Via-gens da Minha Terra* de Almeida Garrett, uma obra que o fascinou. «Bom ou mau», decidiu, «eu tinha de ser fatalmente um escritor», até porque o que mais desejava na vida era que os seus artigos viessem a ser apreciados por «mulheres lindas»³.

Noutro trecho, eis como voltaria a recordar a infância: «O que tenho de bom, física e moralmente, se alguma coisa tenho, devo-o às fortes e sadias convivências da minha infância, nessa bendita casa de Gemalde: à religião e à disciplina dos meus dois velhos amigos, ao bom leite das nossas vacas, à hortalixa e aos legumes da nossa horta, aos ovos frescos do galinheiro, ao canto dos melros e

2 Dá-se o nome de Cerco do Porto ao período, que durou mais de um ano — de Julho de 1832 a Agosto de 1833 —, durante o qual as tropas liberais estiveram cercadas por forças absolutistas.

3 Este texto foi por ele redigido em 1891 para um álbum do seu filho, tendo sido publicado depois da sua morte em *O Primeiro de Janeiro* (1.10.1915).

dos rouxinóis, a que eu armava alçapões, aos muitos trambolhões que dei da burra abaixo e à dura broa do balaio [sic], na enfumaçada cozinha da avó.»⁴

A sua carreira de jornalista começou no *Jornal do Porto*, periódico no qual, entre 28 de Março de 1859 e 4 de Novembro de 1866, viria a publicar inúmeros artigos⁵. Em alguém tão jovem — tinha vinte e poucos anos — o que mais espanta é a prosa fradesca, o vocabulário antiquado e o estilo pomposo. Leia-se a crónica, de 17 de Outubro de 1862, em que nos fala do que via da janela do seu quarto: «O ar está puro, sereno, fresco e embalsamado como brisa coada por entre jardins em flor e cascatas marulhosas [sic]. As minhas roseiras de todo o ano estão toucadas de rosas e semelham garridos e vistosos ramilhetes [sic]. As borboletas adejam sobre o rociado cálide [sic] das flores. As aves cantam em cardume na viçosa copa da laranjeira. Os botões das camélias desabrocharam quase todos de ontem para hoje. A poesia brinca na atmosfera e bebe-se a longos e saborosos tragos com o ar que se respira.»⁶

Nesta fase, o seu nacionalismo é visível quando fala de gastronomia. Em 12 de Novembro de 1862, durante uma visita a Guimarães, relata a sua reacção ao ter-se cruzado com um indivíduo que resolveira dizer mal do que se comia na sua terra natal: «E eu ria e comia — comi bem — porque em honra da verdade culinária, tão sofismada por afrancesados iconoclastas, devo declarar-lhes com a mão no estômago, que nunca o *Mata* em Lisboa, nem o *Vítor* em Sintra me serviram coisa que mais portuguesa fosse, e me melhor me soubesse, do que o pato recheado e o arroz do forno que nos deram em Guimarães.»⁷

4 *Obras Completas de Ramalho Ortigão, Folhas Soltas, 1865-1915*, Lisboa, Clássica Editora, 1956, p. 294.

5 O volume *Obras Completas de Ramalho Ortigão, Crónicas Portuenses*, Lisboa, Clássica Editora, 1944, contém os artigos por ele escritos entre 1859 e 1866. Ao contrário do que se diz nessa edição, Ramalho colaborou, não em *A Revista do Porto*, mas em *O Jornal do Porto*, um periódico que se publicou naquela cidade, entre 1859 e 1887, tendo como seus proprietários Cruz Coutinho, José Barbosa Leão e o futuro Presidente do Conselho, José Luciano de Castro. Ver *Jornais e Revistas Portugueses do Século XIX*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2002, II vol, p. 42 e o verbete sobre José Luciano de Castro Corte Real, *Dicionário Biográfico Parlamentar*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais/Assembleia da República, 2004, vol. I, pp. 837-839.

6 *Obras Completas de Ramalho Ortigão, Folhas Soltas, 1865-1915*, p. 131.

7 *Ibidem*, p. 150.